



GÊNEROS DE DANÇA E EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO

Camila Beineke Kanekadan¹ – UFRGS

Débora Souto Allemand² – UFRGS

Esse texto reflete sobre experiências vividas durante o período de estágio obrigatório no ensino médio, como parte integrante do currículo do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O estágio foi realizado no Colégio Aplicação da UFRGS em 2024/2, visto que a escola apresenta a dança como componente curricular na etapa do ensino médio, sendo uma das quatro opções de linguagens artísticas para os estudantes cursarem durante o ano letivo. Uma das propostas da dança no ensino médio do CAP é trabalhar composições coreográficas. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre o processo de criação e ensaio da coreografia de uma turma de segundo ano.

As experiências aqui relatadas são resultado de uma turma composta por nove indivíduos (três meninas e seis meninos) que optaram pela dança. A turma apresentava um perfil muito receptivo e era bastante envolvida com as atividades da professora titular, dando sugestões e trabalhando em grupo. Outra característica marcante da turma é que houve estágio também durante o primeiro semestre de 2024, com propostas de práticas, principalmente, de danças de salão, como forró e pagode. Logo, essa turma e suas composições foram reflexo dessa mistura de conduções e objetivos.

Tomando como base uma perspectiva (auto)biográfica (Josso, 2012), a pesquisa foi desenvolvida a partir de relatos realizados pela estagiária e professora titular durante o processo. Esses escritos tinham como objetivo não só relembrar o

¹ Estudante do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal do Rio Grande Sul e bolsista de iniciação científica do Projeto “Dança como componente curricular na Educação Básica: um percurso no Colégio de Aplicação da UFRGS”. E-mail: camilabka@gmail.com.

² Professora de Dança do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Artes Cênicas (UFRGS) e Licenciada em Dança (UFPel). Pesquisa relações entre Dança, Educação e Espaço. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2809172806147764>.



que já foi vivido, mas também como ato de projeção de um futuro e organização dessas vivências, a fim de “aprender a compor versões suficientemente boas de si para melhor agir no mundo” (Passeggi *et. al.*, 2012, p. 40).

Durante a primeira aula observada pela estagiária, conduzida pela professora titular, foi apresentada a composição que já estava em processo de criação, que viria a ser apresentada na Mostra de Artes do final do ano. Essa coreografia já apresentava uma estrutura, mas poderia ser melhor trabalhada em aspectos como ritmo, sincronia, deslocamentos espaciais e exploração de elementos cênicos (Lobo; Navas, 2008). O “esqueleto” da composição surgiu a partir da proposição de algumas atividades de contato-improvisação, envolvendo contato corporal e transferência de peso para os colegas. Houve a experimentação de tecidos como elementos cênicos, buscando a relação do objeto como um par. Essas produções foram consideradas interessantes pela turma, no momento de apreciação dos grupos, e seguiram sendo trabalhadas até a chegada das estagiárias em 2024/2.

Ao conversar em dupla sobre possibilidades de atividades para o semestre, decidimos proporcionar vivências em diferentes gêneros de dança, nos que tínhamos mais apropriação e facilidade em ensinar, a fim de aprimorar a composição da turma. A partir das nossas capacidades, optamos por esse plano para o semestre, procurando oferecer um leque de novos aprendizados para aquele grupo (Valle; Zancan, 2023). Assim, as cinco primeiras aulas do estágio abordaram o passinho de funk/jogação, house dance, cacuriá, jazz musical e sapateado.

Comentando brevemente o que é cada um desses estilos que foram trabalhados, o Funk brasileiro e o House Dance, surgidos em contextos festivos, foram utilizados para trabalhar deslocamentos e exploração de espaço. O Cacuriá faz parte do grupo de danças folclóricas do Maranhão, com forte presença de rebolados e marcada por roupas com babados, que geram movimento. As atividades com o Cacuriá, portanto, foram um meio de trabalhar o uso de elemento cênico na dança, já que na sua composição os adolescentes dançavam com panos. O



sapateado e o Jazz Musical, originados nos Estados Unidos, foram aplicados respectivamente, pelo seu aspecto rítmico e expressividade teatral.

O objetivo era apresentar aspectos históricos de cada gênero de dança escolhido, passando pelo contexto cultural e social em que surgiu. Bruna Fernandes (2023) no seu trabalho de conclusão de curso descreve o funk brasileiro, passando tanto pelo passinho como pela “jogação”, o rebolado que compõem parte da dança. Como referência para o House Dance, o livro *Dança de Rua* escrito por Ana Cristina Ribeiro e Ricardo Cardoso foi utilizado. Luciana Hartmann (2010) no seu artigo, *Cacuriá: dinâmicas de uma tradição dançada*, conta um pouco sobre como essa dança se estabeleceu no Maranhão. No breve artigo *History of Jazz*, Jacqueline Nalett (2005) descreve como o Tap Dance (sapateado) e o Jazz Musical se entrelaçam historicamente.

O primeiro gênero trabalhado foi o passinho e jogação do funk, tendo uma ótima recepção, mas surpreendendo os estudantes, já que a turma acreditava que seria mais simples. Não desmotivados, continuaram experimentando as movimentações do gênero. Em seguida, tivemos a aula de House Dance, a qual pareceu a mais complicada para eles por um excesso de passos sociais, os quais exigiam uma coordenação motora ainda não muito trabalhada com eles. Passos sociais é o termo utilizado principalmente nas danças urbanas para indicar movimentos criados em contextos de socialização, dando nomes a eles.

Como a disciplina não exige pré-requisitos técnicos, prioriza-se outras habilidades, não necessariamente trabalhando uma técnica específica. Pensando na dança na escola como forma de “articulação de linguagem, como linguagem viva, linguagem dos vivos” (Marques; Brazil, 2014, p.128) e menos como um espaço para decorar coreografias e passos. Com esses dois primeiros gêneros exercitamos a espacialidade e elementos de composição, enquanto nos conhecíamos e nos adaptávamos com a turma.

Com o Cacuriá exploramos o uso do pano como elemento cênico, vendo o pano como saia e posteriormente como objeto solto, assim como na coreografia



deles. Era notável que a turma ainda não sabia muito bem o que fazer com o pano na mão, repetindo os mesmos movimentos. A turma demonstrava dificuldade em partes mais improvisadas, repetindo gestos e necessitando de direcionamento.

A narrativa da coreografia tratava de relações interpessoais. Logo, as cenas dependiam muito de olhares, proximidade e intimidade entre o elenco, para a compreensão da história. Então, estudamos Jazz Musical, procurando maneiras de demonstrar as emoções de seus personagens, a fim de que a história ganhasse sentido e consistência. Nesse dia a aula teve como um dos maiores objetivos trabalhar a expressividade dos alunos.

A última aula de gênero específico de dança foi a de sapateado, procurando explorar musicalidade. A música que estava sendo utilizada na coreografia era lenta, os atrapalhando um pouco, acelerando os passos e se perdendo no ritmo. As três aulas seguintes foram construídas a partir de atividades que exercitassem ainda mais esses aspectos, agora sem gênero específico, só “polindo” mais e deixando tudo mais orgânico no corpo.

A partir desses ensaios mais focados em cada aspecto da composição, procuramos dar espaço para eles absorverem melhor a própria sequência, mas principalmente conhecer outros gêneros de dança. Apesar do Colégio de Aplicação ter o diferencial de possuir uma professora licenciada, ministrando aulas de Dança no currículo formal, não são todos os estudantes da escola que conseguem experimentar essa linguagem. Assim, não existe necessariamente uma progressão de conteúdos e, por esse motivo, optamos por executar esse plano de trabalho, com o objetivo de possibilitar a interação e prática de diferentes formas de dançar.

Frequentemente a arte na escola é entendida como aprender um “repertório” ou algo pronto (Marques; Brazil, 2014). Porém, no nosso caso, os gêneros de dança foram utilizados como ampliação de repertório, mas principalmente como possibilidades de trabalho com diferentes aspectos da dança, como ritmo, uso de elementos cênicos e expressividade. O processo se mostrou um espaço de



aprendizagem mútua, tendo a oportunidade de ampliar o repertório dos alunos artisticamente e evidenciando a relevância do estágio na formação docente.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Bruna. *Cultura funk: do passinho ao rebolado*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física – Bacharelado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

HARTMANN, Luciana. *Cacuriá: dinâmicas de uma tradição dançada*. Brasília: Universidade de Brasília (UnB), Departamento de Artes Cênicas / Programa de Pós-Graduação em Artes, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/21805/16028>. Acesso em: 09 out. 2025.

LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. *Arte da Composição: Teatro do Movimento*. Brasília: LGE Editora, 2008.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. *Arte em questões*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

NALETT, Jacqueline. *History of Jazz Dance*. Adapted from: KRAINES, Minda Goodman; PRYOR, Esther. *Jump Into Jazz*. 5th ed. New York: McGraw Hill, 2005.

PASSEGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; DELORY-MOMBERGER, Christine. *Reabrir o passado, inventar o devir: a inenarrável condição biográfica do ser*. In: PASSEGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). *Pesquisa (auto)biográfica: temas transversais – dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Tomo II. Porto Alegre: EdPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012.

RIBEIRO, Ana Cristina; CARDOSO, Ricardo. *Dança de Rua*. Campinas, SP: Átomo, 2011.

VALLE, Flavia Pilla do; ZANCAN, Rubiane Falkenberg. Dança na Escola... Para Quê? *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, e123696, 2023. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/presenca>. Acesso em: 23 abr. 2025.